

Diálogos

ISSN 2177-2940



A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i2.58550>

Ricardo dos Santos Batista

 <https://orcid.org/0000-0002-7959-5929>

Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas-BA, Brasil. E-mail: kadobatista@hotmail.com

Chacauana Araújo dos Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-0588-9246>

Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: cauana_84@hotmail.com

Bubonic plague in Salvador (1928): reflections on an epidemic.

Abstract: This text aims to analyze the epidemic outbreak of bubonic plague that occurred in Salvador, in 1928. The emphasis is on the presence of the Disease in three social dimensions: scientific knowledge, political disputes and the actions of the State. Journals of Salvador-BA such as Diário da Bahia, Diário de Notícias, and A Tarde, theses from the Faculty of Medicine of Bahia and reports from the Department of Health Public and Assistance. It is concluded that the Disease crossed different dimensions of the studied context and reveals interests, conflicts and tensions that moved social actors.

Key words: epidemic, medicine, politics, State.

Peste Bubônica em Salvador (1928): reflexiones sobre una epidemia.

Resumen: Este texto tiene como objetivo analizar el brote epidémico de peste bubónica ocurrido em Salvador, em 1928. El énfasis está em la presencia de la enfermedad em três dimensiones sociales: conocimiento científico, disputas políticas y las acciones del Estado. Se utilizan como fuente periódicos de Salvador como Diário da Bahia, Diário de Notícias y A Tarde, tesis de la Facultad de Medicina de Bahía e informes del Departamento de Salud y Asistencia Pública. Se concluye que la enfermedad atravesó diferentes dimensiones del contexto estudiado y revela intereses, conflictos y tensiones que movieron a los actores sociales.

Palabras clave: epidemia, medicina, política, Estado.

A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar o surto epidêmico de peste bubônica que ocorreu em Salvador, em 1928. A ênfase está na presença da doença em três dimensões sociais: o conhecimento científico, as disputas políticas e as ações do estado. São utilizados como fonte periódicos soteropolitanos como Diário da Bahia, Diário de Notícias e A Tarde, teses da Faculdade de Medicina da Bahia e relatórios da Secretaria de Saúde e Assistência Pública. Conclui-se que a doença atravessou diferentes dimensões do contexto estudado e revela interesses, conflitos e tensões que moviam os atores sociais.

Palavras-chave: epidemia, medicina, política, Estado.

Recebido em: 06/04/2021

Aprovado em: 19/10/2021

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

A peste bubônica é uma doença que surgiu no oriente asiático, causada pelo bacilo *Yersinia pestis*. Transmitida pela pulga infectada do rato, a doença esteve presente em diferentes ocasiões na história da humanidade como, por exemplo, no século XIV, quando matou aproximadamente “um terço da população europeia” (DELUMEAU, 2009, p. 154). Em 1899, ela chegou ao Brasil pelo porto de Santos e, de lá, alcançou outros estados como o Rio de Janeiro, onde se manifestou epidemicamente em 1900. No início, não se sabia qual era aquela enfermidade que infectava os imigrantes em grande proporção, mas, após uma investigação realizada pelos médicos Vital Brazil e Oswaldo Cruz, respectivamente assistente de Adolfo Lutz no Instituto Bacteriológico de São Paulo e representante da Repartição Federal, foi confirmada a presença da bubônica, diagnóstico ratificado em seguida por laboratórios europeus que receberam amostras brasileiras de culturas do micróbio (BENCHIMOL; TEIXEIRA, 1993, p. 13). A peste bubônica chegou a Salvador, em 1904, e nos anos seguintes apresentou caráter endêmico, muitas vezes intercalado com surtos epidêmicos, em diferentes cidades do interior da Bahia como Juazeiro, Campo Formoso e Seabra (CHAVES; AMORIM, 2018, p. 146).

Este texto tem como objetivo analisar a presença da peste bubônica em Salvador durante a epidemia que durou de janeiro até aproximadamente abril de 1928. Além das discussões relativas ao conhecimento científico, se debruça sobre as disputas político-partidárias acirradas pela epidemia nas páginas dos jornais, enquanto médicos de todo o Brasil desembarcavam em Salvador para o 4º Congresso Brasileiro de Higiene; e, por fim, identifica as ações propostas pelo estado para o seu controle. As doenças são constructos sociais/históricos, conforme defende Jacques Le Goff (1985). Uma análise que toma a enfermidade como elemento central ajuda a conhecer as especificidades de um contexto e a revelar disputas, interesses e tensões entre indivíduos.

Os periódicos *Diário da Bahia*,¹ *Diário de Notícias* e *A Tarde*, as teses da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) e os relatórios da Subsecretaria e da Secretaria de Saúde e Assistência Pública da Bahia são utilizados como fontes. Esses registros são portadores dos interesses e concepções de mundo daqueles que os construíram: as diferentes orientações políticas dos jornais, os conhecimentos científicos sobre a doença considerados atuais para aquele momento, e os planos institucionais do dirigente estadual de saúde. Pretende-se, a partir da sua análise, compreender como esses interesses atravessaram as proposições sobre a bubônica.

Conhecimento científico e regulamento sanitário para a bubônica

Quando a bubônica apareceu de forma epidêmica, na segunda metade da década de 1920, a

¹ Agradecemos à professora Maria Elisa Lemos Nunes da Silva, que disponibilizou os exemplares do jornal *Diário da Bahia*, coletados em projeto de pesquisa sob a sua coordenação no Departamento de Educação, Campus II, Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

FMB já havia passado por transformações significativas, promovidas pela Reforma do Ensino Médico e a criação de novas cátedras como as de Dermatologia e Sifilografia, Pediatria e de Obstetrícia, na segunda metade do século XIX (BATISTA, 2015; MOREIRA, 2018; SILVA, 2017). Ao analisar essas modificações, Virilene Moreira (2020) aponta os empecilhos para a implementação da Reforma, que só foi concluída na década de 1910, com a construção de novos prédios e laboratórios. Além disso, entre 1922 e 1925, a FMB renovou as lideranças de seu quadro docente, com o envio dos médicos José de Aguiar Costa Pinto, Euvaldo Diniz Gonçalves e Octavio Torres para estudo nos Estados Unidos. Eles foram financiados pela Fundação Rockefeller,² instituição filantrópica norte-americana que atuou no Brasil a partir de 1916, com a obrigatoriedade de, posteriormente, retornarem aos seus postos de trabalho e multiplicarem o conhecimento aprendido (BATISTA, 2020a). A medicina promovida pelos Estados Unidos naquele período se diferenciava da perspectiva francesa, predominante na medicina brasileira entre fins do século XIX e início do século XX, por dedicar maior atenção para o campo da saúde pública (cf. CUETO; PALMER, 2016).

Naquele ambiente, renovado por mudanças na estrutura e no corpo docente, dois trabalhos sobre a peste bubônica foram defendidos nos anos de 1927 e 1928 – *Prophylaxia da Peste*, de Clóvis Vasconcellos Moreno (1927), e *Peste bubônica*, de Raul Paranhos Dias dos Santos (1928) – e oferecem pistas sobre o conhecimento que professores e estudantes tinham sobre a enfermidade. A análise desses trabalhos mostra o diálogo estabelecido entre os doutorandos e docentes específicos da FMB. Clóvis Moreno agradeceu ao médico Euvaldo Diniz pelo incentivo para apresentar um trabalho que “trouxesse algum benefício” para seus pares; e Raul Santos, agradeceu a Flaviano Silva, Gonçalo Moniz e a Octavio Torres pelo auxílio no desenvolvimento da pesquisa. Dois daqueles médicos (Diniz e Torres) haviam estudado no exterior patrocinados pela Fundação Rockefeller, como já afirmado, e Flaviano Silva trabalhou com o *staff* da mesma instituição, em 1923, quando o bacteriologista Hideyo Noguchi desenvolveu pesquisa na Bahia (BENCHIMOL et al, 2009, p. 264).

A existência de uma experiência anterior de trabalho e/ou estudo, por parte dos professores, relacionada à instituição filantrópica que atuava na saúde internacional, pode ter contribuído para que os formandos se dedicassem, em suas teses, a discutir a importância da legislação sanitária internacional para o controle da enfermidade.³ Naquele momento, os médicos que atuavam em

2 Antes da Organização Mundial da Saúde ser fundada, em 1948, a International Health Division (IHD) da Fundação Rockefeller foi, sem dúvida, a agência mais importante do mundo no trabalho em saúde pública. Ela e seus precursores defendiam um conceito primordial, sobre o qual raramente divergiam: a doença era o fator determinante de problemas de saúde e a saúde só podia ser alcançada pelo controle ou eliminação de doenças transmissíveis (FARLEY, 2004, p. 5).

3 Segundo Marcos Cueto (2015, p. 17), a saúde internacional teve origem com as primeiras ações dos governos para articular esforços contra as epidemias. A segunda epidemia de cólera de 1827 foi a que demandou um maior número de

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

Salvador tinham conhecimento considerável sobre a peste. Identificavam o bacilo descoberto por Alexandre Yersin em 1894 como seu agente patológico, compreendiam suas diferentes formas de manifestação e o trajeto geográfico percorrido até chegar à Bahia (MORENO, 1927, p. 6-23).

O alerta sobre a possibilidade de a peste bubônica chegar ao Brasil partiu de Portugal, país com quem se mantinha um estreito contato portuário. Segundo Dilene Nascimento e Matheus Alves Duarte da Silva (2013, p. 1272) e Nascimento (2020), os brasileiros foram informados de que a cidade do Porto estava infestada, o que levou a um conflito entre Nuno Ferreira de Andrade, diretor-geral de Saúde Pública, e Jorge Alberto Leite Pinto, diretor de Higiene e Assistência Pública do Estado do Rio de Janeiro, sobre quais as melhores medidas a serem adotadas para controlar a enfermidade no país.

O doutorando Clóvis Moreno afirmava que a profilaxia da bubônica não poderia ocorrer pautada apenas em medidas regionais, visto que, enquanto uma “doença de importação”, estados e nações que poderiam transmiti-la deveriam estar atentos (MORENO, 1927, p. 25). Entre as conferências sanitárias internacionais que já haviam se debruçado sobre a peste, Raul Paranhos destacou a de Paris, em 1851, que cogitou a notificação da bubônica como primeira medida profilática a ser tomada pelas nações quando do seu aparecimento. Após esse evento, as notificações passaram a ser feitas aos cônsules, ou, na falta deles, a ser enviadas por meios telegráficos às nações que integraram a conferência (SANTOS, 1928, p. 92). Uma outra convenção foi mencionada, também realizada em Paris, em 17 de janeiro de 1912, na qual 40 países estiveram presentes para discutir a profilaxia da peste, do cólera e da febre amarela. As medidas adotadas internacionalmente a partir dela foram divididas em duas: “Prescrições a observar nos países signatários da Convenção desde que a peste aparece em seu território” e “Medidas de defesa contra os territórios contaminados”, o que englobava uma série de protocolos de comunicação e a inspeção em navios infectados (SANTOS, 1928, p. 93-94).

Ao mesmo tempo em que os médicos da FMB alertavam para a regulamentação internacional, também destacavam as medidas nacionais e locais em relação à bubônica. Sobre as ações do Governo Federal, Clóvis Moreno enviou uma carta ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), com o intuito de averiguar se o país havia ratificado o Código Sanitário Panamericano de 1925. Segundo Gregorio Delgado García, Eduardo Estrella e Judith Navarro (1999, p. 350), esse documento foi aprovado *ad referendum* por 18 países das Américas, no Salão de Atos da antiga Academia de Ciências Médicas, Físicas e Naturais, em 14 de novembro de 1924, durante a Sétima Conferência Sanitária Panamericana, em Havana. Posteriormente, todas as Repúblicas americanas o validaram e, segundo os autores, a lei pode ser considerada como a maior ações coordenadas por diferentes governos.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

conquista da normalização do saneamento no continente americano e “a culminância de décadas de iniciativas internacionais destinadas a prolongar a vida e a conquistar a felicidade humana”. A resposta enviada a Moreno pelo médico do DNSP, Emygdio Mattos, explicava as prioridades do governo para a erradicação da doença e confirmava que o país ainda não havia ratificado a legislação (MORENO, 1927, p. 36-37).

No que diz respeito às ações adotadas pela Bahia, o Código Sanitário criado em 1925 pelo sanitarista e ex-bolsista da Fundação Rockefeller Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto determinava uma série de procedimentos (cf. BATISTA, 2019; BATISTA, SILVA, 2020). Desde o artigo 585, para o qual em caso suspeito ou confirmado de peste deveriam enviar um guarda sanitário portador de injeção de soro que isolaria a residência, solicitaria o exame bacteriológico ao Instituto Oswaldo Cruz da Bahia (IOC-BA), além de arrolar todas as pessoas residentes no prédio e em prédio vizinho; até o artigo 605, que legislava sobre as especificidades da peste no interior do estado (MORENO, 1927, p. 40-46).

Disputas políticas na epidemia de peste bubônica em Salvador

Se por um lado havia consenso em relação ao conhecimento científico sobre a peste bubônica em Salvador, com foco nas medidas de âmbito internacional, por outro, a imprensa se tornou uma arena na qual os conflitos políticos locais ficavam evidentes. Nos anos 1920, periódicos soteropolitanos geralmente se alternavam no apoio a José Joaquim Seabra, que governou o estado em dois momentos distintos (1912-1916 e 1920-1924), e a Francisco Marques de Góes Calmon (1924-1928), que elegeu Vital Henrique Batista Soares para seu sucessor (1928-1930).

Seabra já possuía experiência no desenvolvimento de políticas sanitárias, porque foi ministro da Justiça e Negócios Interiores no governo Rodrigues Alves (1902-1906), participando do suporte político recebido por Oswaldo Cruz e Pereira Passos em suas ações no Rio de Janeiro (SOUZA, 2009, p. 43). De fato, o acordo entre a União e a Bahia se iniciou pelas mãos de Seabra, em 1921, mas é possível observar que, com a eleição de Francisco Marques de Góes Calmon, um projeto específico foi proposto sob a supervisão de Barros Barreto, que também se tornou genro do governador e conseguiu maior autonomia financeira e política para agir (BATISTA; SILVA, 2020). O periódico soteropolitano *Diário da Bahia* foi um dos veículos que elaborou críticas ao governo Góes Calmon durante o surto epidêmico, escolhendo a figura do Secretário de Saúde Assistência Pública como alvo principal.⁴

4 Em relação à filiação política do jornal, no ano de 1921 ele foi vendido ao advogado Geraldo Rocha, que liderou a campanha da Reação Republicana, em 1922, defendendo a chapa José Joaquim Seabra/Nilo Peçanha e combateu a candidatura de Arthur Bernardes (CPDOC, s/d). Com a vitória de Bernardes, ele precisou vender o periódico a uma sociedade que, aparentemente, manteve o posicionamento político seabrista, como se poderá observar.

Chaves e Amorim (2018, p. 154-155) identificaram a presença da peste bubônica na cidade de Vitória da Conquista, no interior da Bahia, ainda ao longo de 1927. À medida em que os casos de pessoas acometidas pela enfermidade eram confirmados e que as autoridades locais percebiam que não dispunham sozinhas de condições para controlar a epidemia, o então intendente interino, Régis Pacheco, solicitou auxílio da esfera estadual e uma comissão sanitária chegou à cidade em 28 de outubro de 1927. As autoras alertam que a epidemia de peste seguia um curso não muito comum entre fenômenos dessa natureza, que geralmente se iniciavam no litoral, trazidos por navios, e depois se espalhavam pelo interior. A bubônica seguia do interior para a Capital e chegou a Salvador em janeiro de 1928.

O 4º Congresso Brasileiro de Higiene foi realizado no primeiro mês daquele ano. Segundo Batista (2017), a sua organização tinha sido transferida de Recife para Salvador em agosto de 1927. Sedar um congresso nacional “alvorçou a classe médica e a imprensa, que veiculava a inquietação dos baianos sobre o término da construção do Palácio da Victória, prédio no qual funcionaria a Secretaria de Saúde e Assistência Pública e, conseqüentemente, o evento”. O periódico soteropolitano *Diário de Notícias* lançava um questionamento sobre a impressão que os médicos de todo o país teriam sobre as condições de saúde em Salvador, já que a peste bubônica matava inúmeras pessoas (A INSTALAÇÃO..., 14 jan. 1928, p. 3). Instituições de saúde, como o IOC-BA, foram visitadas pelos congressistas. Buscava-se apresentar o desenvolvimento dos bens de saúde da cidade de Salvador e estabelecer intercâmbio com profissionais de fora do estado. Mas, ao mesmo tempo, ficava evidente a dificuldade de controlar a bubônica.

O *Diário da Bahia* de 20 de janeiro de 1928 compartilhou a descrição das duas últimas sessões de debate do Congresso de Higiene, sendo que uma delas tinha a bubônica como assunto principal. A relatoria da temática ficou a cargo de Barros Barreto, que defendeu o urubu como responsável pela propagação da doença. Para o médico, muitas vezes a enfermidade era transmitida para o homem quando um rato infectado era jogado no campo e comido por um urubu, animal que se deslocava facilmente. Em uma crítica severa a esse pensamento, o jornal afirmava que “o Sr. Barros Barreto só faltou dizer que o homem também come o urubu e daí a propagação da moléstia” (ORA vejamos..., 20 jan. 1928, p. 1). Foi dada ênfase ao fato do sanitário ser genro do governador Góes Calmon e a todas as opiniões oferecidas por outros médicos, que discordavam de um protagonismo desempenhado pelo urubu no alastramento da peste.

Não é possível afirmar que esse episódio teve alguma influência sobre a forma como Barros Barreto passou a ser chamado no periódico, mas é provável que haja alguma relação, já que em edições seguintes foi nomeado como “urubu princêz”. A crítica tentava atingir o sanitário da forma mais direta e incisiva possível, através da sua ridicularização não só profissional, mas

pessoal.

O veículo de informação reconhecia uma série de ações realizadas pela Secretaria de Saúde e Assistência Pública, mas não as considerava suficientes:

Apesar dos reiterados expurgos feitos, *pêle-mêle*, pelas ruas da cidade, apesar das fumigações de enxofre, dos borrifos de cruzwaldina, da vassouragem sistemática, dos “mata-mosquitos”, interdição de prédios, etc. a peste não foi eliminada. Mudou de domicílio. Da rua Manoel Victorino ao Tororó, ao Canela, Itapagipe e agora Pilar, onde, no Xixi 88, foram verificados, ontem, três casos fatais, a epidemia fatídica continua a completar o ciclo, a ronda do terror, deixando ao sr. Barros Barreto e à sua dispersa milícia, tontos e desorientados (A BUBONICA..., 03 fev. 1928, p. 1).

É interessante observar, diante da notícia veiculada, que não havia uma inércia da Secretaria de Saúde e Assistência Pública, mesmo que o resultado das ações não parecesse exitoso. Segundo a informação oferecida, a peste bubônica se transferiu dos distritos centrais para os distritos periféricos da cidade, como a península de Itapagipe e Pilar, locais onde se encontrava grande parte dos trabalhadores pobres soteropolitanos (Cf. BATISTA, 2020c; SANTOS, 2018).

As chamadas do *Diário da Bahia* não cessaram os ataques a Barros Barreto. Títulos como *Quatro casos fatais no Unhão: não será com duchas refrescantes de água creolinada e fumigações parcimoniosas de enxofre que o “urubu princez” impedirá o surto alarmante do mal levantino* (A RONDA..., 18 fev. 1928) ou *A Bahia sem Higiene: as epidemias que ora assolam essa capital, são consequência da inépcia e perversidade do “princez”* (A BAHIA..., 24 fev. 1928) eram impulsionados por um posicionamento político anti-calmonista, que tomava o chefe da saúde como alvo.

Também foi possível encontrar charges elaboradas para atacar o governo opositor a José Joaquim Seabra em alguns exemplares de jornal. A figura 1 é um exemplo interessante da utilização da peste bubônica como meio de crítica. A imagem apresenta um diálogo entre uma mulher nascida na Bahia e um homem que visitava Salvador. O homem afirma que iria embora porque leu que havia 80 casos de bubônica na cidade. E a mulher responde minimizando o impacto da doença e o número de casos, visto que, para ela, havia uma peste maior presente em todo o estado: o governo Góes Calmon.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

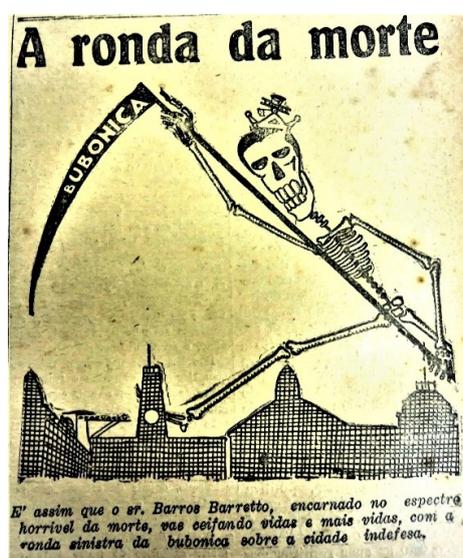
Figura 1 – Charge “A Bubônica”.



Fonte: A BUBÔNICA. 21 mar. 1928, p. 1.

Em outra imagem (Figura 2), o jornal teve como foco a atuação de Barros Barreto ao longo da epidemia de bubônica. A imagem apresenta um esqueleto que portava uma foice na mão, na qual estava escrito “bubônica”, acima de casas que representavam a cidade de Salvador. A legenda relacionava o esqueleto com o sanitarista ao afirmar que ele, “encarnado no espectro da morte, vai ceifando vidas e mais vidas, com a ronda sinistra da bubônica sobre a cidade indefesa” (A RONDA..., 26 fev. 1928).

Imagem 2 – Charge “A ronda da morte”.



Fonte: A RONDA..., 26 fev. 1928.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

Já a Figura 3, classificou Barros Barreto como um polvo insaciável que estragava a ação da Saúde Pública com a “pallidez de sua incompetência para o desempenho do cargo” (A BUBONICA continua..., 04 abr. 1928). Destaca-se que a caveira trazia uma coroa em cima do crânio, identificando o médico, também na imagem, com o apelido pelo qual passou a ser chamado. Da sua cabeça saiam tentáculos que envolviam o Tesouro Público. Cada tentáculo sugava a Secretaria de Saúde e Assistência Pública ou um dos seus departamentos (Secretaria de Saúde e Assistência Pública, Profilaxia Rural, Assistência Pública, Fiscalização de Alimentos, Fiscal de Obras e Saúde, etc).

O texto que acompanhou essa charge trouxe o pedido de renúncia do sanitarista como uma medida de salvação pública. Segundo o artigo de jornal:

O senhor Barros Barreto, cuja incompetência no assunto está por demais manifesta, não pode continuar à frente de tão importante serviço, e o sr. Vital Soares, ou terá de demiti-lo, como uma medida que se impõe de salvação pública, ou terá de assumir inteira e absoluta responsabilidade pelas consequências que surgirem pela continuação da peste (...) Fosse a repartição de Saúde Pública, devidamente aparelhada, estivesse à frente do seu serviço, um profissional ativo e inteligente e, por certo, o mal não passaria do primeiro caso e, quando seria localizado pelas medidas de combate ao foco (A BUBONICA continua..., 04 abr. 1928, p. 1).

Figura 3 – Charge “Tesouro Público”.



Fonte: A BUBONICA continua..., 04 abr. 1928.

A partir do material analisado é possível compreender as estratégias utilizadas pelo periódico *Diário da Bahia* para convencer a opinião pública negativamente sobre a gestão dos

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

governadores Góes Calmon e Vital Soares, ao longo da epidemia de peste bubônica. Conforme será possível observar, apesar das cobranças do jornal, o Antônio de Barros Barreto reconheceu a presença da bubônica e mobilizou a estrutura da Secretaria a qual dirigia para tentar debelar o mal.

A peste bubônica na Reforma Sanitária da Bahia

O acordo entre a Bahia e a União para realização de serviços de Profilaxia Rural, de combate à sífilis e às doenças venéreas, de luta antituberculose e de higiene infantil ocorreu em 15 de abril de 1921, na gestão de Seabra. Em março de 1925, o acordo foi renovado, durante o governo Góes Calmon. Estudos recentes se debruçam sobre as transformações realizadas a partir de então, como as políticas de controle da sífilis, a instauração das delegacias de saúde e alterações no Hospital de Mont’Serrat, além das ações do dispensário Ramiro de Azevedo (BATISTA, 2017; SANTOS, 2018, SILVA, 2018).

Para Batista e Silva (2020), Barros Barreto conseguiu reunir características importantes para o projeto sanitário que se propôs a desenvolver:

A confluência entre a sua formação em Manguinhos e na Fundação Rockefeller, o lugar de chefia sanitária nas três esferas de governo (municipal, estadual e federal) e as boas relações com Góes Calmon, inclusive pela condição de genro, contribuíram para assegurar a autonomia necessária para a implantação, no estado, das políticas de saúde que defendia (BATISTA; SILVA, 2020, p. 323).

Em 1925, ele criou a Subsecretaria de Saúde e Assistência Pública, órgão completamente independente da estrutura do estado, subordinado diretamente ao governador. Em 1927 a Subsecretaria passou ao *status* de Secretaria. No relatório referente ao ano de 1927, o sanitarista afirmou que, enquanto não se destruíssem ou reconstruíssem “os velhos pardieiros de certas zonas da cidade (Pilar, Xixi, Julião, Preguiça e Taboão), oferecendo condições eugênicas de desenvolvimento de ratos e pulgas”, dificuldades revestiam o problema da bubônica (BARRETO, 1928, p. 96). Para ele, o interregno entre meados de 1926 e 31 de dezembro de 1927, no qual não teriam sido registrados casos de bubônica em Salvador, devia ser atribuído à intensa campanha de desratização, à impermeabilização das vastas áreas de depósitos comerciais chamadas de trapiches e à demolição das respectivas “pontes” que serviam para o acúmulo de mercadorias, em consequência do aterro que vieram a sofrer após a conquista de terrenos ao mar (BARRETO, 1928, p. 96).

O texto de Barros Barreto contém uma crítica ao período em que o médico Luiz Pinto de Carvalho dirigiu a saúde no estado e não teria tomado as providências necessárias para que a situação da bubônica não se agravasse no estado. É necessário ressaltar que Pinto de Carvalho era

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

correligionário de José Joaquim Seabra e ocupou o cargo sanitário em seu primeiro governo, o que evidencia a querela política também por parte do Secretário de Saúde.

Em 1928, uma série de ações no intuito de tentar conter a doença foi empreendida, conforme pode ser observado no quadro abaixo (Quadro 1):

Quadro 1 – Serviços realizados pela Secretaria de Saúde e Assistência Pública.

Serviços realizados	Quantidade
Vacinações contra a peste	7.793
Prédios expurgados	964
Pavimentos	2.568
Lavagem de prédios	1.425
Sulfurações	237
Ratos mortos por expurgo e veneno	4.304
Doses de raticidas distribuídas	126.380
Caminhões de lixo removido	194
Carroçadas de entulho	37
Pessoas sob vigilância sanitária	13.601
Visitas de vigilância sanitária	11.687
Visitas de revisão	223
Visitas de polícia sanitária	558
Prédios interditos	295
Interdições levantadas	15
Intimações para obra	794
Intimações para desocupação	175
Despejos solicitados	802
Trapiches expurgados	6
Edifícios públicos expurgados	5

Fonte: Barreto (1929, p. 7).

Tanto Barros Barreto quanto seus opositores políticos deixaram explícito que a Secretaria de Saúde e Assistência Pública tomava medidas em relação ao surto epidêmico. Em uma análise dos procedimentos descritos, observa-se que as ações estavam muito voltadas para a desinfecção da cidade. Não há informações sobre como foi tratado o fluxo de pessoas que transitava entre as cidades e a higienização dos seus pertences, como, por exemplo, nas ações realizadas em Santos, quando da epidemia de 1899. Segundo Nascimento (2020), armou-se uma verdadeira operação de guerra aos ratos na cidade paulistana. Distribuíram veneno, incentivaram a utilização de ratoeiras, veicularam uma campanha de informação que alertava a população para o perigo de portar ratos, cujas pulgas deveriam ser destruídas com o uso de creolina. Também foi criado um sistema de controle sanitário pelo qual a entrada e saída de pessoas da cidade implicava a desinfecção de bagagens e cargas direcionadas a outras regiões do estado de São Paulo. Para os que saíam de Santos, eram oferecidos “passaportes sanitários” e os provenientes daquela cidade eram submetidos a uma semana de controle e exames nas regiões a que se destinavam.

Em Salvador, desde o primeiro mês da epidemia, médicos como Seraphim Júnior e Otto

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

Schmidt alertaram, na comunicação que realizaram no IV Congresso Brasileiro de Higiene, sobre alguns dos fatores, com destaque para os meios de transporte, que contribuíram para que a bubônica se espalhasse por tantos municípios do interior do estado:

A linha férrea assumiu no caso proeminente, como vimos na contaminação de Juazeiro e Serrinha, pontos inicialmente atingidos. As estações de Estradas de Ferro pelos seus depósitos constituíram-se sempre focos perigosos de peste, já pelo armazenamento de gêneros propícios a atraírem os murúdeos, já por facilitarem a referida disseminação (A EPIDEMIOLOGIA da., 24 jan. 1928, p. 4).

A linha férrea não contribuía apenas para a disseminação da peste. Em 1926, durante os surtos epidêmicos de febre amarela na Bahia, os trilhos e seus vagões também foram identificados como responsáveis por viabilizarem o caminho seguido pela enfermidade que atingiu cidades do norte do estado como Senhor do Bonfim, Jacobina e Juazeiro (BATISTA; SOUZA, 2020).

Com o título *Guerra aos ratos! Vacinar-se contra a peste constitui o melhor meio de defesa individual*, o periódico soteropolitano *A Tarde* apresentou a vacinação e o extermínio das pulgas como principais meios para se erradicar a bubônica de Salvador (GUERRA aos... 12 mar. 1928, p. 1). A entrevista com o doutor Magalhães Neto, que trabalhava na Saúde Pública do estado, apontou a existência da enfermidade, naquele momento, em diferentes países e o número de casos de bubônica na Bahia desde o ano de 1904. O médico tentava acalmar a população em relação à dimensão da epidemia:

O surto atual não é tão apavorante como se tem dito. Registraram-se, é certo, até hoje, 300 casos, notificados como suspeitos, na sua maioria pelos médicos incumbidos da vigilância sanitária. Menos certo é, porém, que o número de focos é reduzido, podendo-se afirmar que em atividade coletiva se acham, apenas dois – o da rua das Princesas, e o da Ladeira da Montanha, que têm sido, e continuam a ser, energeticamente combatidos pelos serviços da Secretaria de Saúde (GUERRA aos... 12 mar. 1928, p. 1).

Magalhães Neto disponibilizou a receita de uma mistura para matar pulgas, à base de água fervente, sabão de massa e querosene, que o *A Tarde* publicou. O médico tinha como objetivo publicizar as formas de preparação daquela substância para que a população a utilizasse como instrumento de prevenção.

Quando questionado se a vacinação contra a peste era perigosa, respondeu que se vacinar era o melhor método de defesa individual, com eficiência indiscutível e sem oferecer perigo algum (GUERRA aos... 12 mar. 1928, p. 1). E que a vacina era produzida pelo IOC-BA, que se encontrava sob a direção do médico Eduardo Araújo. O diretor também estudou nos Estados Unidos como

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

bolsista da Fundação Rockefeller, com o objetivo de se especializar na produção de soros e vacinas (Batista, 2020b). O cargo que possuía foi alcançado como consequência do processo de formação naquela área específica.

Entre as determinações relativas à vacinação, afirmava-se que as pessoas que residissem em áreas nas quais houvessem focos de peste bubônica e se negassem a se vacinar, estavam sujeitas às sanções presentes no Código Sanitário da Bahia, que determinava a sua internação no Hospital de Isolamento de Mont’Serrat (GUERRA aos... 12 mar. 1928, p. 1). Era muito provável que pessoas se recusassem a tomar a vacina, por diferentes motivos. A experiência da Revolta da Vacina, ocorrida no Rio de Janeiro em 1904 (CHALHOUB, 1996), possivelmente ainda estava presente no imaginário social de parte da população brasileira da Primeira República. Além disso, muitos soteropolitanos cuidavam da sua saúde física e espiritual com “curandeiros” e líderes de religiões de matriz africana. A crença nas artes de curar moveu inúmeros indivíduos ao longo da pandemia de gripe “espanhola” de 1918, por exemplo, como mostrou Souza (2009).

A má reputação da vacina entre a população se manifestou em nova notícia do *A Tarde*, de 21 de março de 1928. Com a matéria *Para evitar a peste só a vacina: “não é verdade que ela ofereça perigos” – declara-nos o diretor do Instituto Oswaldo Cruz*, o periódico apresentou informações de Eduardo de Araújo. O médico afirmava que a vacina utilizada pelos funcionários da Saúde Pública era produzida no IOC-BA, que seguia os métodos propagados por Oswaldo Cruz, sendo que amostras microbianas locais foram isoladas e incorporadas para dar maior poder antigênico à substância. Também esclareceu que antes de serem destinadas ao consumo, as vacinas eram testadas em animais em doses dez vezes superiores às aplicadas em humanos, para garantir “absoluta segurança quanto à inocuidade da vacina”, procedimento repetido para cada lote: “E assim as nossas vacinas devem merecer absoluta confiança” (PARA evitar..., 21 mar. 1928, p. 1).

O soro e a vacina antipestosa começaram a ser produzidos no Instituto Soroterápico Federal, depois chamado de Instituto Oswaldo Cruz, após a epidemia de Santos. Segundo Nascimento (2020, p. 58), a necessidade de aplicação de soro nos casos existentes em Santos e a consequente constatação de sua quantidade insuficiente, pois o fármaco dependia de sua importação direta do Instituto Pasteur/Paris, levou os cientistas envolvidos no controle da doença – Oswaldo Cruz e Vital Brazil, entre outros – a tomar a iniciativa de uma instituição nacional dedicada à pesquisa e produção de soro e vacina antipestosos. Foi, portanto, nesse contexto de crise sanitária em Santos e no Rio de Janeiro que nasceram o Instituto Soroterápico de São Paulo (Instituto Butantã) e o Instituto Soroterápico Federal (Manguinhos).

Na Bahia, os jornais já chamavam a atenção para a importância da vacinação antes mesmo da epidemia de 1928. Em agosto de 1926, por exemplo, o *Diário de Notícias* publicou uma matéria

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

na qual afirmava: “um povo prevenido é um povo tranquilo” (Figura 4). Além disso, o texto apresentava uma retrospectiva do surgimento da vacina, citando o médico inglês Eduardo Jenner, nomeado como “o pai da vacina”.

As informações presentes nos jornais e nos relatórios médicos indicam a atuação do estado durante a epidemia de peste em Salvador. Embora aparentemente a Secretaria de Saúde e Assistência Pública não conseguisse erradicar o caráter epidêmico da bubônica de imediato, já que ele começou a perder força a partir de abril, trabalhou no sentido de debelar o mal que assustava a população soteropolitana em 1928, com uma série de ações que também incluíam a vacinação.

Figura 4 – Vacinai-vos e aos vossos filhos, enquanto é tempo.



Fonte: VACINAI-VOS..., 06 ago. 1926.

Considerações finais

Em texto sobre a dramaticidade das epidemias, Charles Rosenberg afirma que existe um padrão que as conduz, mesmo que cada sociedade apresente respostas personalizadas para a experiência do adoecimento (ROSENBERG, 2001). Nos atos que compõem a dramaturgia epidêmica, observa-se, inicialmente, a negação da existência da doença, a elaboração de uma explicação para o seu surgimento, a adoção de medidas para tentar erradicá-la e o seu posterior arrefecimento. A proposição do autor é significativa para o entendimento sobre a dimensão social das doenças, aspecto observado nessa análise em relação à presença da bubônica em Salvador. Enquanto um elemento de desorganização e reorganização social (REVEL; PIERRE-PETER, 1988), ela atravessa as mais variadas dimensões que compõem os contextos históricos.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

A bubônica foi alvo de preocupação de médicos, que elaboravam e compartilhavam conhecimentos com os seus pares sobre os procedimentos a serem adotados para erradicar a enfermidade, inclusive em nível internacional. Esteve presente em embates da imprensa e no posicionamento do Secretário de Saúde em documentos oficiais, em um nítido conflito entre seabristas e calmonistas ao longo da Primeira República. Por fim, atravessou as ações realizadas pelo Estado, por meio dos médicos que trabalhavam para a Secretaria de Saúde e Assistência Pública, no controle dos ratos, na desinfecção de locais e na defesa pública da vacinação.

Se as doenças são portadoras de uma historicidade, como afirma Jacques Le Goff (1985), elas são fundamentais para a compreensão dos indivíduos e suas ações, também no presente, e dos desafios que as sociedades contemporâneas têm no enfrentamento às epidemias que se manifestam e se manifestarão ao longo da trajetória da humanidade.

Referências

A BAHIA sem hygiene. Diário da Bahia, Salvador, 24 fev. 1928, p. 1.

A BUBONICA continua em sua marcha sinistra. Diário da Bahia, Salvador, 04 abr. 1928, p. 1.

A BUBONICA em ronda sinistra pela cidade. Diário da Bahia, Salvador, 03 fev. 1928, p. 1.

A BUBÔNICA. Diário da Bahia, Salvador, 21 mar. 1928, p. 1.

A EPIDEMIOLOGIA da peste no interior da Bahia. A Tarde, Salvador, 24 jan. 1928, p. 4.

A INSTALAÇÃO do IV Congresso Brasileiro de Higiene. Diário de Notícias, Salvador, 14 jan. 1928, p. 3.

A RONDA da morte. Diário da Bahia, Salvador, 26 fev. 1928, p. 1.

A RONDA fatal e macabra da bubônica. Diário da Bahia, Salvador, 18 fev. 1928, p. 1.

BARRETO, Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros. *Relatório da Secretaria de Saúde e Assistência Pública: anno de 1927*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1928.

BARRETO, Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros. *Relatório da Secretaria de Saúde e Assistência Pública: anno de 1928*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1929.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Bolsistas da Fundação Rockefeller e a internacionalização da saúde brasileira: viagens de médicos da Faculdade de Medicina da Bahia aos Estados Unidos (1920-1925). In: BATISTA, Ricardo dos Santos; SOUZA, Christiane Maria Cruz de; SILVA, Maria Elisa Nunes da. *Quando a História encontra a saúde*. São Paulo: Hucitec, 2020a.

BATISTA, Ricardo dos Santos. De Baltimore às “Lavras Diamantinas”: internacionalização/

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

interiorização da saúde na Bahia (1920-1930). *Tempo, Niterói*, v. 26, n. 2, p. 431-453, mai.-ago. 2020b.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Distintas posições: médicos baianos e o ensino de Sifilografia na Faculdade de Medicina da Bahia (1895-1945). *Dimensões*, v. 34, p. 184-203, 2015.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Educação e propaganda sanitárias: desdobramentos da formação de um sanitarista brasileiro na Fundação Rockefeller. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* (Rio de Janeiro). v. 26, n. 4, p. 1189-1202, out.-dez. 2019.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Serviço de Higiene Industrial: trabalho, saúde e doença na Reforma Sanitária da Bahia (1925-1930). *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, p. 1-25, 2020c.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da. A atuação de Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto na Reforma Sanitária da Bahia (1924-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 313-337, 2020.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SOUZA, Christiane Maria Cruz de. O curso da epidemia: a Fundação Rockefeller e os surtos de febre amarela na Bahia em 1926. *Outros Tempos*, São Luiz, v. 17, n. 30, p. 219 – 243, 2020.

BENCHIMOL, Jaime Larry et al. *Cerejeiras e cafezais: relações médico-científicas entre Brasil e Japão e a saga de Hideyo Noguchi*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2009.

BENCHIMOL, Jaime Larry; Teixeira, Luis Antonio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparativa dos institutos Butantã e Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1993.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAVES, Cleide de Lima; AMORIM, Tatiane Pereira. A peste bubônica nos sertões da Bahia: política e cotidiano no raiar do século XX. In: SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da; BATISTA, Ricardo dos Santos (orgs.). *História e Saúde: políticas, assistência, doenças e instituições na Bahia*. Salvador: Eduneb, 2018, p. 141-178.

CPDOC. Diário da Bahia – Verbetes. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-bahia>. Acesso em: 29 mar. 2021.

CUETO, Marcos. *Saúde global: uma breve história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

CUETO, Marcos; PALMER, Steven. *Medicina e saúde pública na América Latina: uma história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

FARLEY, John. *To cast out disease: a history of the International Health Division of the Rockefeller Foundation (1915-1951)*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

GUERRA aos ratos. *A Tarde*, Salvador, 12 mar. 1928.

LE GOFF, Jacques (org). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985.

MOREIRA, Virlene Cardoso. *A pediatria na Bahia: o processo de especialização de um campo científico (1882-1937)*. Tese (Doutorado) – Ensino, filosofia e História das Ciências. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.

MOREIRA, Virlene Cardoso. Teoria versus prática: os efeitos da reforma do ensino médico brasileiro na Faculdade de Medicina da Bahia (1879-1910). In: BATISTA, Ricardo dos Santos; SOUZA, Christiane Maria Cruz de; SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da. *Quando a História encontra a saúde*. São Paulo: Hucitec, 2020.

MORENO, Clóvis Vasconcellos. *Prophylaxia da Peste*. Salvador: Livraria e Typ. do Commercio, 1927.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVA, Matheus Alves Duarte da. “Não é meu intuito estabelecer polêmica”: a chegada da peste ao Brasil, análise de uma controvérsia, 1899. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1271- 1285. supl., nov. 2013.

ORA vejam só, *Diário da Bahia*, Salvador, 20 jan. 1928, p. 1.

PARA EVITAR a peste só a vacina. *A Tarde*, Salvador, 21 mar. 1928.

REVEL, Jacques e PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre Nora (org). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ROSENBERG, Charles Ernest. “*Whats is an epidemic? AIDS in historical perspective*. In: ROSENBERG, Charles Ernest. *Explaining epidemics and Other studies in history of medicine*. New York: Cambridge University Press, 2001.

SANTOS, Chacauana. Araújo dos. *Medidas sanitárias de que a Bahia precisa: as delegacias de saúde, o hospital de isolamento e a reforma sanitária em Salvador (1921-1930)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado da Bahia, 2018. p. 27.

BATISTA, Ricardo dos Santos; SANTOS, Chacauana Araújo dos. A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia.

SANTOS, Raul Paranhos. *Dias dos. Peste bubônica*. Salvador: A Nova Graphica, 1928.

SILVA, Caroline Santos. *Com um fórceps na mão, há de se parir uma nação: uma história da Obstetrícia e Ginecologia em Salvador no século XIX*. Curitiba: Prismas, 2017.

SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da. O Dispensário Ramiro de Azevedo e a constituição de políticas de enfrentamento da tuberculose na Bahia na década de 1920. In: SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da; BATISTA, Ricardo dos Santos (org.). *História e Saúde: políticas, assistência, doenças e instituições na Bahia*. Salvador: Eduneb, 2018.

SOUZA, C. M. C. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Salvador: EDUFBA/Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

VACINAI-VOS e aos vossos filhos, enquanto é tempo. *Diário de Notícias*, Salvador, 06 ago. 1926.